

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Natália Correia, *Descobri que era europeia – Impressões duma viagem à América*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002 (1ª Edição, 1951)

Mário Mesquita

Só nos alfarrabistas era possível adquirir, até há pouco, *Descobri que era europeia – Impressões duma viagem à América*, agora reeditado pela *Editorial Notícias*, livro injustamente esquecido de Natália Correia. A viagem de Natália aos Estados Unidos efectuou-se em plena Guerra Fria: Junho de 1949. O texto está datado de Agosto de 1950. A primeira edição veio a lume em 1951, com a chancela da Portugaláia.

Impressões de viagem (como refere modestamente a autora, em subtítulo)? Ensaio (qualificação escolhida pela casa editora)? Fragmentos de diário? Crónica? Reportagem? Algures na intersecção entre essas diferentes formas de expressão este livro pertence, simultaneamente, à literatura e ao jornalismo. A fórmula de Maria Fernanda Abreu (UNL), directora da colecção *Livros da Natália*, afigura-se muito pertinente: «registo ficcional de um olhar de matriz expressionista...».

«Este livro sou eu», avisa Natália logo no prefácio. Ao contrário do que faz, em regra, o repórter de agência noticiosa, a escritora, nunca escamoteia ou disfarça a sua subjectividade. Pelo contrário, a estratégia narrativa consiste em acentuá-la. Os Estados Unidos do pós-Guerra observados à lupa, pela (então) jovem Natália, alternando os registos da mordacidade, da ironia ou da simpatia. Um ponto de vista liberto de ortodoxias ideológicas (embora nem sempre, parece-me, de preconceitos culturais...) que conduz a autora a «construir» a sua identidade europeia em contraponto à observação do quotidiano dos EUA.

As paisagens humanas, no metropolitano ou no *night-club*, são pretexto não para um

prudente registo descritivo, mas para uma espécie de pintura expressionista que sublinha os traços das pessoas, dos objectos ou das paisagens descritas, ou, melhor dizendo, os deforma ao sabor da vontade (ou do capricho) da narradora. Assim sucede num admirável e impiedoso «fresco» dos passageiros do «metro» a caminho de Conney Island: «Abundavam as famílias numerosas, atulhadas de cestos e de pimpolhos insolentes, com ténues e amargos perfis de maridos-vítimas. Um velhote judeu devorava um jornal impresso em caracteres *yiddish*. Nada o desviava da leitura. Nem os bruscos trambolhões do *subway*, que fazia saltar as pessoas como molas. A um canto, o homem mais feio do mundo e a mulher mais feia do mundo sentavam-se lado a lado, de mãos dadas, numa feliz solução para a respectiva fealdade. Raparigas de vestidos engomados e laçarotes na cabeça, outras de *slacks* e *soutiens*, arfavam os seiozinhos sob os olhos gulosos dos adolescentes que as rodeavam tão ufanos na sua nascente vaidade de pagantes (...)

Obra de início de carreira, por ela perpassa, em todo o seu esplendor, inteligência e alguma arrogância, o «ethos» em construção da (então) jovem escritora portuguesa. Na apreciação da vida política, cultural ou do simples quotidiano dos Estados Unidos dos anos 50, Natália conjuga cultura, talento artístico e perspicácia intelectual. Deixa-nos um retrato fortemente personalizado dos Estados Unidos ao tempo do Presidente Truman, do início da Guerra da Coreia e das campanhas do senador MacCarthy.

Os seus primeiros contactos com a televisão exprimem igualmente a sua reserva – quicá ingénuo, mas também premonitória, observada a esta distância temporal – perante os presumíveis efeitos do novo meio de comunicação ainda na pré-história (só oito anos depois desta sua viagem chegaria ao Portugal salazarista): «A televisão é incontestavelmente um

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

progresso técnico. Mas não creio que seja disso que a América careça. Há outra forma de “televisão” que só pode ser realizada pela mágica do espírito». Ou, ainda, sem reservas, nem prudência, a televisão «é o supra-sumo da condensação de todos os meios fáceis de informação. Ela é, fora de dúvidas, o caminho mais curto para a estupidez»

O «masscult» e o «midcult» dominantes na indústria cultural norte-americana, – para recorrer às expressões, forjadas naquela época, por Dwight MacDonald – suscitam as suas reticências. Ao repórter que pediu ao editor para definir a «natureza» dos artigos que pretende publicar, este terá respondido, segundo explicaram a Natália: a) Oh!, que maravilha!; b) Oh!, que pena; c) Oh!». Um crítico literário do *New York Times* comenta estes géneros exclamativos: «(...) Na América o escritor é essencialmente profissional, dependendo do compromisso com um público leitor sem interioridade para a absorção de temas profundas nem paciência para o choque de ideias novas. A condição de sucesso dum escritor é o seu talento para servir ao público os temas que este lhe impõe, com certo cunho pessoal, como a *trade mark* dum artigo comercial». Algum exagero? Sem dúvida. Mas a receita para o fabrico do «best-seller», meio século decorrido, já atravessou o Atlântico e implantou-se no rectângulo lusitano...

A «narradora» todo poderosa desafia preconceitos – ortodoxos ou heterodoxos –, quando sobrevoa, com olhar de diva, essa paisagem humana do «melting-pot» norte-americano ou, no dizer sem cerimónia da própria Natália Correia, «aquela humanidade semi-nua, arquejante e mole como uma besta vencida pela própria força».

«É tão impossível gostar da América como não gostar – afirma Natália, naquilo que poderia ser uma síntese conclusiva – Isso traduz-se num sentimento abstracto: o da fascinação. E qual é

a fonte donde brota essa fascinação? O enorme tablado onde se desenrola a esotérica urdidura da tragédia americana. O seu esoterismo não é o inviolável segredo dos deuses. É a crise do desenvolvimento. Uma puberdade física e mental que convive, no seu âmago, com os fantasmas das coisas irreveladas (...)».

Quem conheceu pessoalmente a escritora terá a sensação de ouvir a voz desassombrada de Natália-pessoa ao longo do texto desta Natália-repórter-e-ficcionista na Costa Leste dos Estados Unidos: «A música é para mim um destino. Como não tenho veleidades de cultura musical, talvez por isso e ainda bem, sinto-a com a primitiva impulsividade das pessoas que gostam sem saber porquê. E creio que, pela mesma razão, não ponho taxativas barreiras entre a música clássica e a música moderna, de jazz ou de carácter popular. Um nó na garganta, os músculos contraídos ou uma horrível vontade de chorar são o meu natural processo de selecção musical. E, nessa altura, entrego-me à música com a pureza dos animais quando se dão uns aos outros».

À semelhança das «anti-memórias» de Malraux, poderíamos chamar-lhe «anti-reportagem», no sentido em que, ao contrário do jornalismo de agência, a subjectivação é a sua marca deliberada da primeira à última linha. A meio século de distância, este «jornalismo literário» – Natália talvez não apreciasse a designação, mas parece-me adequada e estimulante – mantém-se vivo, ajuda a pensar a América dos nossos dias e, nalguns aspectos, guarda o seu potencial subversivo de irreverência e inconformismo que garante, de antemão, o escândalo das mentes tacanhas e farisaicas.